

## **Desafios globais da segurança alimentar**

### **O que é segurança alimentar:**

A segurança alimentar é o acesso regular e permanente a alimentos nutritivos e em quantidade suficiente para garantir uma vida saudável e ativa, de acordo com a definição do Ministério da Saúde. Além de uma necessidade básica, é um direito fundamental e um pilar essencial para a construção de uma sociedade justa e próspera.

Falar sobre segurança alimentar e nutricional é analisar a quantidade e qualidade dos alimentos aos quais as famílias têm acesso. A Escala Brasileira de Medida Domiciliar de Insegurança Alimentar (Ebia) é a principal medida dessa percepção, classificando os domicílios em quatro categorias:

1. Segurança alimentar. Nesse cenário, os moradores do domicílio acessam alimentos de qualidade e em quantidade suficiente sempre;
2. Insegurança alimentar leve. Quando há um comprometimento da qualidade da alimentação em detrimento da manutenção da quantidade percebida como adequada. Ou seja, quando mesmo fazendo diversas refeições, a família tem acesso a alimentos de pobre qualidade nutricional;
3. Insegurança alimentar moderada. Para domicílios com modificações nos padrões usuais da alimentação entre os adultos, concomitante à restrição na quantidade de alimentos entre os adultos. Isto é, quando os adultos comem menos e pior, mas não há o mesmo prejuízo nas refeições das crianças;
4. Insegurança alimentar grave. É a quebra dos padrões de alimentação – com comprometimento da qualidade e redução da quantidade de alimentos – de todos os membros da família, inclusive das crianças. Nesse nível de insegurança alimentar pode até mesmo existir as experiências de fome e desnutrição.

Segundo dados da FAO, cerca de 2,4 bilhões de pessoas vivem em insegurança alimentar moderada ou grave, e mais de 3 bilhões não têm condições de manter uma dieta saudável. O paradoxo é evidente: o planeta produz alimentos em quantidade suficiente, mas não consegue distribuí-los de forma equitativa.

No Brasil, a situação é alarmante. Aproximadamente 65 milhões de brasileiros enfrentam insegurança alimentar, e o país voltou ao Mapa da Fome com 33 milhões em situação grave. Isso ocorre apesar de o Brasil ser um dos maiores produtores de grãos e carnes do mundo. A questão central não é a produção, mas sim a distribuição e o acesso. A

agricultura familiar, responsável por dois terços da produção de frutas, legumes e verduras, é essencial nesse cenário, mas enfrenta dificuldades de comercialização e acesso ao mercado. Quatro fatores que agravam a insegurança alimentar global: conflitos armados, crises econômicas, eventos climáticos extremos e choques sanitários como pandemias. Esses fatores têm se combinado nos últimos anos, criando o que especialistas chamam de “tempestade perfeita”. Desde 2015, a proporção da população mundial em insegurança alimentar saltou de 22% para 30%.

Apesar do cenário preocupante, há soluções viáveis. O Programa de Aquisição de Alimentos, criado no Brasil em 2003, é citado como exemplo de política pública eficaz, pois compra diretamente da agricultura familiar e distribui os alimentos para populações vulneráveis. Entre 2011 e 2018, mais de 450 mil agricultores foram beneficiados em 83% dos municípios brasileiros.

Outro ponto abordado é a necessidade de diversificar a produção agrícola e investir em alimentos in natura, como frutas e hortaliças, que são mais caros devido à perecibilidade e à falta de escala. A reportagem também alerta para o desperdício de alimentos: estima-se que 1 bilhão de pessoas poderiam ser alimentadas diariamente com o que é jogado fora. Além disso, o uso excessivo de insumos químicos importados, como fertilizantes, representa até 40% do custo de produção de grãos, tornando urgente o investimento em práticas sustentáveis como controle biológico, biofertilizantes e rotação de culturas.

Por fim, melhorar a renda da população é essencial para garantir segurança alimentar, especialmente em momentos de crise. A concentração de renda no campo e a falta de organização entre pequenos produtores são obstáculos que precisam ser enfrentados com apoio técnico e políticas públicas. Apesar dos desafios, o Brasil é apontado como uma referência mundial no combate à fome, e o grande objetivo agora é garantir não apenas o acesso à comida, mas à alimentação saudável e nutritiva

### **A questão da obesidade**

Estima-se que o aumento na demanda calórica crescerá em torno de 50% até 2050, principalmente para produtos de origem animal (laticínios, carne, peixe), bem como para óleos vegetais (Global Panel on Agriculture and Food Systems for Nutrition, 2020). Haverá também aumento no consumo de alimentos ultraprocessados e ricos em gordura e açúcar, o que está relacionado com o aumento de casos de obesidade e contrasta com efeitos de subnutrição por falta de vitaminas, minerais e outros nutrientes essenciais (Global Panel on Agriculture and Food Systems for Nutrition, 2020; Mendes et al., 2021).

O crescimento da obesidade é reflexo, dentre outros fatores, de dietas energeticamente densas e com baixo consumo de frutas e hortaliças, comuns às populações de baixa renda (Darmon; & Drewnowski, 2008; French et al., 2019). Isso ocorre por causa do preço mais baixo de alimentos com alto teor energético em comparação com alimentos ricos em micronutrientes, como, por exemplo, frutas e hortaliças (Darmon; Drewnowski, 2015). Nesse sentido, a qualidade da dieta global desafiará as políticas públicas voltadas à transformação dos sistemas agroalimentares, tanto do ponto de vista nutricional quanto ambiental.

Especificamente no Brasil, a dieta teve aumento da participação de alimentos processados e substituição das refeições tradicionais – em geral mais saudáveis – por alimentos altamente energéticos, ricos em gorduras e açúcares adicionados. O consumo per capita de frutas e hortaliças baixo (69,1 gramas por dia para homens e 92,6 gramas por dia para mulheres) e a pouca variedade alimentar ilustram a qualidade da dieta brasileira e alertam para importantes questões de saúde (Carnauba et al., 2021), por isso demandam novas estratégias e políticas públicas para atender as classes mais pobres.

Durante a pandemia, foram observadas múltiplas mudanças com impacto na população brasileira, entre elas, a piora nos indicadores de saúde e nutrição e aumento da desigualdade alimentar, redução do acesso aos alimentos e baixa qualidade da dieta (Mendes et al., 2021). De acordo com Martinelli et al. (2020) e Mendes et al. (2021), a pandemia de Covid-19 reduziu o acesso dos indivíduos a alimentos saudáveis e contribuiu com o aumento das desigualdades sociais e alimentares, bem como com a disparidade dos comportamentos relacionados à saúde. Esse cenário tem influenciado consideravelmente o estado nutricional da população, assim como da fome e da insegurança alimentar no Brasil, o que segue uma tendência de comportamento mundial (Moura et al., 2021).

A redução da pobreza, portanto, não é suficiente para assegurar dietas de alta qualidade e nutrição adequada. Investimentos devem ser feitos em agricultura (alimentos ricos em nutrientes, disponíveis e acessíveis), saúde (redução de ambientes insalubres, acesso à água potável), educação e informação, que permitam escolhas mais saudáveis e segurança social para melhor nutrição da população. Esse padrão de má alimentação tem levado a uma transição de cenários de fome para obesidade, com as consequentes implicações à saúde, como o incremento de doenças crônicas, persistindo, nas duas situações, a desnutrição. Entre os diferentes caminhos pelos quais a agricultura pode contribuir para mitigar problemas da transição nutricional estão os programas de biofortificação, os quais possibilitam agregar valor nutricional aos alimentos comuns nas dietas das populações (umas das doenças que essa

estratégia tem o poder de auxiliar é anemia ferropriva, principal deficiência de micronutrientes de alimentos) (Samary et al., 2021).

### **Referências bibliográficas:**

<https://veja.abril.com.br/brasil/o-desafio-da-seguranca-alimentar/>

<https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/transformacoes-rapidas-no-consumo-e-na-agregacao-de-valor/sinal-e-tendencia/desafios-crescentes-de-seguranca-alimentar-obesidade-e-desnutricao>

<https://ifz.org.br/o-desafio-da-seguranca-alimentar-e-o-combate-a-fome-no-brasil/>